

Desenvolvimento linguístico e ensino de português como língua materna: assimetrias na compreensão de orações relativas de sujeito e de objeto

Joana Batalha

Universidade NOVA de Lisboa, CLUNL

Abstract:

Studies in language acquisition show that relative clauses are a domain in which children exhibit difficulties. As found in other languages, a subject-object asymmetry has been found for European Portuguese both in production and in comprehension. On the other hand, studies in educational linguistics assessing Portuguese school age children suggest that difficulties with relative clauses can be found along basic education. As in these studies, this paper extends the study of subject and object relative clauses to school age children. Starting from Batalha (2017), we present a pre/posttest design study that assessed the linguistic knowledge of 91 students in grades 4, 6 and 8 on the understanding of referential dependencies with the relative pronoun *que* in subject and object restrictive relative clauses. The findings, which were obtained using a reading task that required the identification of antecedents of relative pronouns, are discussed from the point of view of educational linguistics, considering some of the implications of the study for Portuguese L1 teaching.

Keywords: relative pronouns; comprehension, European Portuguese, educational linguistics

Palavras-chave: pronomes relativos, compreensão, português europeu, linguística educacional

1. Introdução

Dois aspetos relevantes têm sido reiterados por estudos sobre a aquisição de orações relativas (cf. Costa 2011): em primeiro lugar, quando se compara a aquisição de orações relativas com outras estruturas, por exemplo, coordenadas ou mesmo outro tipo de subordinadas, observa-se que aquelas surgem posteriormente no discurso espontâneo das crianças, ou seja, as orações relativas (ou, pelo menos, alguns tipos de orações relativas) parecem ser de aquisição mais tardia; em segundo lugar, tem vindo a ser constatada em várias línguas uma assimetria entre a aquisição de relativas em que o pronome desempenha a função de sujeito, as relativas de sujeito (cf. (1)), e aquelas em que o pronome desempenha a função de complemento direto, as relativas de objeto (cf. (2)).

(1) Eu vi o rapaz que [-] abraçou a mãe.

(2) Eu vi o rapaz que a mãe abraçou [-].

Partindo dos resultados de Vasconcelos (1991), um dos primeiros trabalhos a identificar diferenças na aquisição de diferentes tipos de relativas em português europeu, J. Costa *et al.* (2009) e Costa, Lobo & Silva (2011) testaram a produção e a compreensão de orações relativas de sujeito e de objeto por crianças entre os 3 e os 6 anos de idade. Enquanto J. Costa *et al.* (2009) testaram diferentes populações, nomeadamente crianças com desenvolvimento típico, crianças com perturbação da linguagem e adultos agramáticos, sendo o principal objetivo confirmar, para o português europeu, a existência de uma assimetria entre relativas de sujeito e de objeto, em Costa, Lobo & Silva (2011), formularam-se hipóteses mais finas para explicar a aquisição tardia das relativas de objeto. Encontrando comportamentos distintos por parte de crianças e de adultos na produção e na compreensão de relativas, este último trabalho sugere que a dificuldade das crianças com as relativas de objeto se deverá não ao facto de se tratar de uma estrutura complexa que envolve movimento sintático, mas ao



facto de estar envolvida uma dependência referencial em que há um efeito de intervenção, uma vez que o sujeito da subordinada se interpõe entre o constituinte movido e a sua posição de origem. De um modo geral, os resultados de ambos os trabalhos, que usaram tarefas de preferência para a produção e de seleção de imagens para a compreensão, confirmaram, relativamente ao desempenho das crianças, a assimetria esperada entre relativas de sujeito e de objeto. Na compreensão, por exemplo, enquanto as percentagens de acerto para relativas de sujeito foram de 96%, para as relativas de objeto, situaram-se, com uma diferença estatisticamente significativa, nos 78%. Além disso, ao mostrarem um comportamento distinto entre crianças e adultos na compreensão e na produção de relativas, os dados sugerem que estas construções podem ser consideradas como um marcador de desenvolvimento linguístico.

Também em investigação em linguística educacional sobre ensino do português europeu como língua materna, alguns trabalhos (Fontes 2008, Valente 2008) confirmaram que as estruturas relativas são sensíveis a desenvolvimento linguístico. Ao estudar a produção de relativas canónicas e não canónicas por alunos dos 4.º e 6.º anos (Fontes, 2008) e dos 9.º e 12.º anos (Valente, 2008), usando uma tarefa de juízos de gramaticalidade e outra de produção elicitada, os autores obtiveram evidência de que o desempenho linguístico dos alunos foi tanto melhor quanto o seu nível de desenvolvimento linguístico e de exposição ao contexto de instrução formal. No que diz respeito ao nível de acessibilidade esperado para diferentes relativas de acordo com a função sintática do pronome, e tendo em atenção a assimetria entre relativas de sujeito e de objeto direto, constatou-se, à semelhança dos trabalhos em aquisição, que as relativas de sujeito foram mais acessíveis do que as relativas de objeto, sendo que, para estas construções, os resultados evidenciam uma clara distinção entre os grupos de 4.º e 6.º anos, por um lado, e os de 9.º e 12.º anos. Até ao 2.º ciclo, a produção de relativas de objeto apresenta de forma significativa mais erros do que a de relativas de sujeito: no 6.º ano, por exemplo, as percentagens de erro são de 8,5% para as relativas de sujeito e 22,5% para as relativas de objeto. No entanto, a partir do final do 3.º ciclo, as relativas de objeto parecem deixar de constituir uma dificuldade, tendência que é confirmada por trabalhos como os de Antunes & Brito (2008) e de Choupina (2004). Por exemplo, Antunes & Brito (2008) verificaram, usando também uma tarefa de produção elicitada, que o recurso a construções relativas por alunos de 9.º ano não é marginal e que as percentagens de emprego correto de pronomes relativos com função de sujeito e com função de objeto é igual ou superior a 90%, não tendo sido detetados padrões de erros em nenhuma destas construções.

Como Fontes (2008) e Valente (2008), propõe-se, neste artigo, alargar o estudo sobre as orações relativas de sujeito e objeto a grupos de crianças com idades mais avançadas relativamente aos grupos estudados pela investigação em aquisição. A partir de Batalha (2017), apresentam-se os objetivos, as hipóteses, a metodologia e os resultados de um estudo que avaliou o conhecimento linguístico de alunos dos 4.º, 6.º e 8.º anos quanto à compreensão de dependências referenciais com o relativo *que* em orações relativas restritivas de sujeito e de objeto. Os resultados alcançados serão discutidos considerando-se algumas das implicações do estudo para o ensino do português como língua materna.

2. Estudo

2.1. Objetivos, hipóteses e metodologia

Em Batalha (2017), desenvolveu-se um estudo em contexto escolar com o objetivo de avaliar o conhecimento linguístico de alunos dos 4.º, 6.º e 8.º anos quanto à compreensão de dependências referenciais com diferentes tipos de pronomes¹, incluindo o relativo *que* em orações relativas restritivas de sujeito e de

¹ Em Batalha (2017), avaliou-se a capacidade para identificar antecedentes de pronomes pessoais, de pronomes demonstrativos e de pronomes relativos.



objeto. Avaliou-se, em particular, a capacidade para identificar os antecedentes destes pronomes numa tarefa de leitura.

Como hipóteses, (i) esperou-se encontrar diferenças de desempenho quanto ao ano de escolaridade, com percentagens de sucesso progressivamente superiores do 1.º para o 3.º ciclo, assumindo-se que a compreensão de dependências referenciais é sensível ao desenvolvimento linguístico e à progressão escolar dos alunos, e (ii) previu-se existirem diferenças de desempenho na compreensão decorrentes da função sintática do pronome (sujeito ou objeto), com maiores dificuldades na identificação de antecedentes de pronomes objeto, mantendo-se, portanto, a assimetria encontrada em trabalhos anteriores.

Para além de se pretender obter um diagnóstico sobre a compreensão de diferentes tipos de pronomes em diferentes etapas de desenvolvimento linguístico e de progressão escolar, o estudo avaliou também os efeitos de uma intervenção didática implementada em sala de aula para promover o desenvolvimento da consciência linguística sobre dependências referenciais. Às duas hipóteses formuladas, acrescenta-se, assim, uma outra hipótese: (iii) admitindo-se existirem efeitos positivos do desenvolvimento da consciência linguística sobre dependências referenciais na capacidade de identificar antecedentes de pronomes numa tarefa de leitura, espera-se encontrar desempenhos superiores no grupo experimental após a intervenção didática.

Assim, numa primeira fase, o estudo contou com a participação de 91 alunos do ensino básico: 40 alunos de 4.º ano, 27 alunos de 6.º ano e 24 alunos de 8.º ano; contou-se ainda com a participação de um grupo de controlo de 12 adultos escolarizados. Na fase de intervenção didática, 38 alunos de 4.º ano participaram no estudo: 20 alunos constituíram o grupo experimental e 18 alunos constituíram o grupo de controlo². Estes alunos foram avaliados também após a intervenção, no pós-teste.

Para avaliar a compreensão de pronomes, aplicou-se uma prova³ com quatro textos⁴ e uma tarefa de identificação de antecedentes no formato de item de resposta curta. A instrução dada para a tarefa foi *Indica a que se refere «que»*, sendo depois indicada a linha do texto que permitia localizar o pronome. De salientar que este formato tem sido um dos utilizados em provas de avaliação externa em itens que avaliam a capacidade para identificar antecedentes de diferentes tipos de expressões (cf. Batalha, no prelo).

No total, 22 itens, 11 em cada prova, incidiram sobre o relativo *que*: 14 itens em que o relativo *que* ocorre como sujeito de uma relativa restritiva e 8 itens em que o relativo *que* ocorre como objeto do mesmo tipo de relativa. Os exemplos (3) e (4) ilustram duas das frases usadas na prova do pós-teste, sendo o relativo sujeito em (3) e objeto em (4).

(3) Outros passarinhos que [-] andavam por perto avisaram o passarinho.

(4) Os gemidos que o crocodilo dava [-] metiam dó.

Para a intervenção didática com o grupo experimental de 4.º ano, implementada durante cerca de seis semanas, foi concebida uma sequência de aprendizagem para desenvolvimento da consciência linguística sobre dependências referenciais, seguindo os princípios teórico-metodológicos da aprendizagem pela descoberta. Recorreu-se, em particular, ao modelo de laboratório gramatical proposto por Duarte (2008) e retomado em Costa *et al.* (2011). Neste modelo, de tipo indutivo, os alunos são guiados a observar dados linguísticos, bem como a formular, verificar e confirmar hipóteses, que permitirão chegar a generalizações sobre os dados linguísticos observados. A sequência desenvolvida permitiu a observação e a sistematização de

² Os dois grupos do 4.º ano, experimental e de controlo, correspondem a duas turmas da mesma escola, com um número de alunos equivalente. Os professores titulares das duas turmas seguiam uma planificação comum, baseada, fundamentalmente, no manual adotado.

³ Foram construídas duas provas com a mesma estrutura, uma para o pré-teste e outra para o pós-teste.

⁴ Os textos usados, dois com caráter predominantemente narrativo e dois com caráter predominantemente expositivo, foram selecionados de fontes autênticas (livros, imprensa, Internet) adequadas ao perfil dos participantes do estudo, com adaptações.



propriedades morfológicas, sintáticas e discursivas de vários tipos de pronomes anafóricos ocorrendo em diferentes unidades linguísticas (frases e textos).

Na figura que se segue, sistematizam-se as diferentes fases do estudo, os seus objetivos, os participantes e os instrumentos.

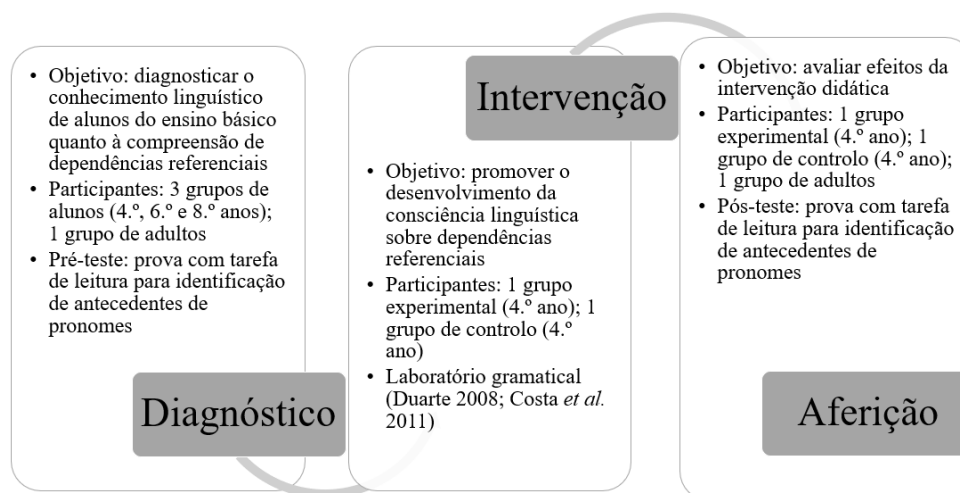


Figura 1: Fases do estudo.

2.2. Resultados

Os dados recolhidos nas provas do pré-teste e do pós-teste foram analisados quantitativamente com recurso a testes estatísticos⁵. Tomou-se como principal indicador da análise quantitativa a percentagem de acerto, que traduz a contagem de itens corretos⁶ (sendo os itens dicotómicos, cotados com 0 e 1, os itens corretos são os cotados com 1). Adicionalmente, recorreu-se a uma análise de tipo qualitativo das respostas incorretas fornecidas pelos alunos em itens considerados problemáticos.

Na figura 2, apresenta-se a percentagem de acerto para todos os itens do pré-teste com o relativo *que* tanto para os grupos de alunos – 4.º, 6.º e 8.º anos – como para o grupo de adultos. É possível observar no gráfico um efeito de desenvolvimento na compreensão do relativo *que*, com resultados progressivamente superiores do 4.º para o 6.º ano e, de forma estatisticamente significativa, do 6.º para o 8.º ano e deste para o grupo de adultos, que atinge uma percentagem de acerto próxima dos 100%. É de notar a dificuldade que os grupos de alunos apresentaram na tarefa, especialmente os alunos mais novos, que atingiram uma percentagem de acerto de cerca de 50%.

⁵ Aplicou-se, concretamente, o teste não paramétrico de qui-quadrado de Pearson, que permite averiguar se duas variáveis são ou não independentes, devolvendo o valor de X^2 e o valor de p . Considerou-se existir significância estatística quando p é igual ou inferior a 0.05.

⁶ Para determinar as respostas corretas e incorretas, definiram-se critérios de classificação com cenários de resposta. A resposta foi considerada correta sempre que incluía o núcleo nominal, acompanhado ou não de especificador e de complementos ou modificadores.



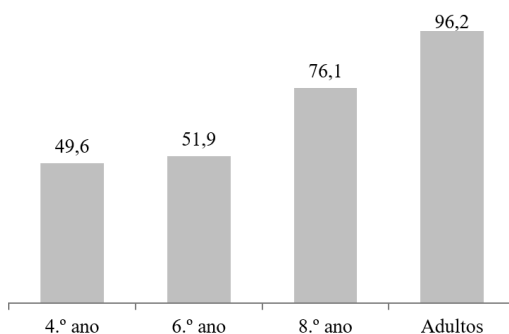


Figura 2: Percentagem de acerto por grupo para o relativo *que* no pré-teste.

Por sua vez, na figura 3, é apresentada a percentagem de acerto por grupo por comparação dos itens em que o pronome é sujeito com os itens em que o pronome é objeto. Confirmando-se a assimetria encontrada nos trabalhos antes referidos, em todos os grupos, a percentagem de acerto foi superior quando o pronome é sujeito, sendo que, no grupo de 4.º ano, a assimetria na compreensão de relativos sujeito e objeto é estatisticamente significativa ($p=0.000$).

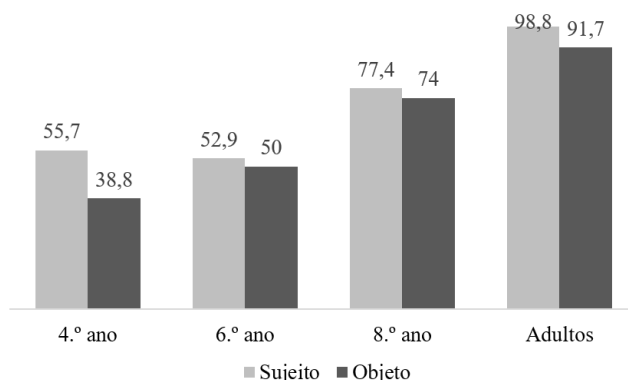


Figura 3: Percentagem de acerto por grupo para o relativo *que* sujeito e objeto no pré-teste.

Através da identificação de itens problemáticos, assim como da análise qualitativa das respostas incorretas dos alunos, foi possível obter dados complementares sobre a interpretação dos pronomes relativos. Da leitura dos resultados por item (cf. figura 4), verifica-se que os itens mais difíceis foram, de facto, aqueles que implicaram a identificação do antecedente do pronome relativo na posição de objeto, sendo que, em metade dos itens que avaliaram este contexto, as percentagens de acerto ficaram aquém dos 50%.



Pré-teste				Pós-teste			
Sujeito		Objeto		Sujeito		Objeto	
Item	%	Item	%	Item	%	Item	%
40	52,8	15	35,2	35	65,8	34	39,5
31	53,9	29	47,4	29	65,8	15	42,1
25	56,0	28	53,9	21	65,8	2	68,4
39	59,3	10	69,2	30	71,1	33	81,6
5	60,4			23	73,7		
33	67,0			7	79,0		
35	74,7			4	86,8		

Figura 4: Percentagem de acerto por item para o relativo *que* sujeito e objeto.

Por sua vez, uma análise das respostas incorretas dos alunos nos itens com desempenhos mais baixos (itens 15 e 29 do pré-teste e itens 15 e 34 do pós-teste) revela que, maioritariamente, os alunos identificaram como antecedente do pronome objeto a expressão nominal com função de sujeito, sendo que o recurso a esta estratégia foi mais evidente quando a expressão nominal sujeito correspondia a um sintagma nominal pleno do que quando correspondia a um pronome. Por exemplo, quanto ao item 15, exemplificado em (5), mais de 70% das respostas incorretas correspondem à expressão nominal com função de sujeito na relativa. Assim, a maior parte dos alunos identifica como antecedente do pronome não a expressão que se encontra sublinhada no exemplo, mas a expressão nominal “as mães”.

(5) Quando nascem, os quokka vão para a bolsa marsupial que as mães têm na barriga.

Conclui-se, portanto, que o pronome com função de objeto foi o que colocou maiores problemas de interpretação para todos os grupos de alunos avaliados na fase de diagnóstico, observando-se como principal estratégia alternativa à identificação do antecedente do pronome objeto a identificação da expressão nominal na posição de sujeito da relativa.

Uma vez que todos os alunos do 4.º ano de escolaridade foram testados antes e após a intervenção didática, tornou-se possível comparar os resultados dos dois momentos de testagem. Na figura 5, apresenta-se a percentagem de acerto alcançada por este grupo após a intervenção didática e em comparação com o grupo de adultos. Se, por um lado, se pode observar uma melhoria dessa percentagem, que sobe de 55,7% para 72,7% nos itens em que o pronome é sujeito e de 38,8% para 57% nos itens em que o pronome é objeto, por outro lado, verifica-se que se mantém a assimetria, estatisticamente significativa, entre relativos sujeito e objeto no grupo de 4.º ano.

A leitura da figura 6, contudo, permite obter uma análise mais detalhada dos resultados antes e após a intervenção. Esta figura apresenta a percentagem de acerto para os dois grupos de 4.º ano, o grupo experimental, que participou na intervenção didática, e o grupo de controlo, em que não foi desenvolvida qualquer intervenção controlada pela investigação. Quando comparados os resultados do grupo experimental nos dois momentos de testagem através de comparações múltiplas, constata-se uma melhoria, estatisticamente significativa, quer para o relativo sujeito ($p=0.000$) quer para o objeto ($p=0.000$); por outro lado, verifica-se que se esbate a assimetria entre pronomes sujeito e objeto no pós-teste, com uma diferença menor e não estatisticamente significativa entre os dois contextos ($p=1.000$). Já o grupo de controlo evidencia uma



melhoria entre o pré-teste e o pós-teste que não é estatisticamente significativa e que se observa apenas nas percentagens de acerto para o pronome sujeito ($p=0.897$), ou seja, os resultados para o relativo objeto não se alteram do primeiro para o segundo momento de testagem, situando-se abaixo dos 50% de acerto.

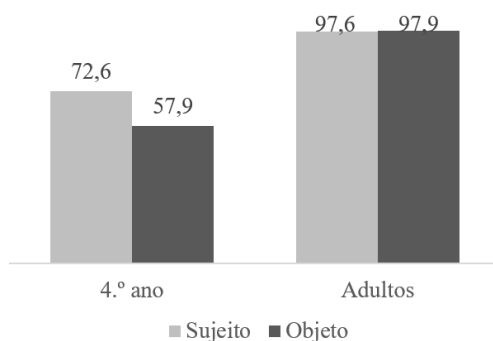


Figura 5: Percentagem de acerto por grupo para o relativo *que* sujeito e objeto no pós-teste.

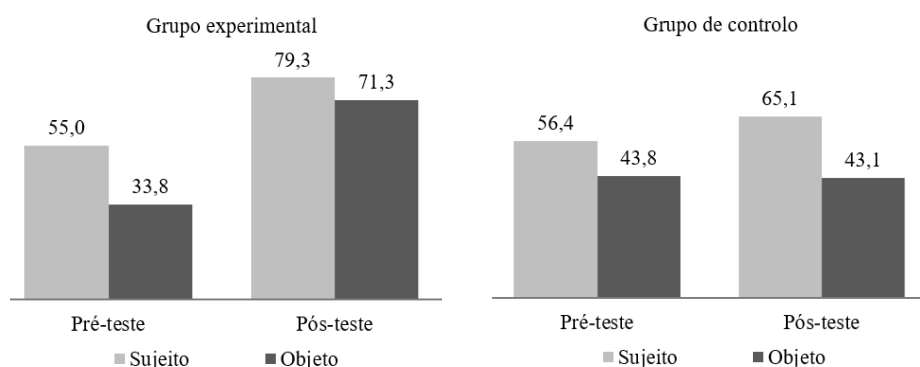


Figura 6: Percentagem de acerto para os grupos de 4.º ano, experimental e de controlo, no pré-teste e no pós-teste.

3. Discussão

Em Batalha (2017), avaliou-se o conhecimento linguístico de alunos dos 4.º, 6.º e 8.º anos quanto à compreensão de dependências referenciais com diferentes tipos de pronomes, incluindo o relativo *que* em orações relativas restritivas de sujeito e de objeto.

Como hipóteses, (i) esperou-se encontrar diferenças de desempenho quanto ao ano de escolaridade, com percentagens de sucesso progressivamente superiores do 1.º para o 3.º ciclo, assumindo-se que a compreensão de dependências referenciais é sensível ao desenvolvimento linguístico e à progressão escolar dos alunos, e (ii) previu-se existirem diferenças de desempenho na compreensão decorrentes da função sintática do pronome (sujeito ou objeto), com maiores dificuldades na identificação de antecedentes de pronomes objeto.

Os dados apresentados na secção anterior, recolhidos a partir de uma tarefa de leitura para identificação de antecedentes de pronomes relativos, confirmam as duas primeiras hipóteses formuladas, permitindo concluir que:



há um efeito de desenvolvimento linguístico na compreensão de pronomes relativos ao longo da escolaridade básica, com desempenhos progressivamente superiores entre o 1.º e o 3.º ciclo;

há dificuldades na interpretação de pronomes relativos, sendo mais difícil para os alunos do ensino básico, sobretudo para os alunos mais novos, identificar antecedentes de pronomes relativos (neste caso, do relativo *que*) com função de objeto do que com função de sujeito;

como alternativa à identificação do antecedente do pronome objeto, os alunos do ensino básico identificam, sobretudo, o sintagma nominal com função de sujeito da relativa;

a interpretação de pronomes relativos não estará completamente estabilizada no 3.º ciclo.

Além disso, uma vez que o estudo incluiu uma intervenção didática para desenvolver a consciência linguística sobre dependências referenciais, considerou-se uma terceira hipótese: admitindo-se existirem efeitos positivos do desenvolvimento da consciência linguística sobre dependências referenciais na capacidade de identificar antecedentes de pronomes numa tarefa de leitura, esperou-se encontrar diferenças de desempenho entre os grupos experimental e de controlo, com percentagens de sucesso superiores para o grupo experimental após a intervenção didática.

A comparação dos resultados do grupo experimental antes e após a intervenção assim como a comparação dos resultados deste grupo com os de um grupo de controlo confirmam também esta hipótese, sugerindo que é possível potenciar a estabilização de conhecimento linguístico, concretamente sobre a identificação de antecedentes de pronomes relativos, por meio da consciencialização e da explicitação linguística.

Assim, se este estudo mostra, à semelhança de trabalhos anteriores no domínio da linguística educacional, que há dificuldades com a compreensão de orações relativas até idades mais avançadas, nomeadamente até ao 3.º ciclo, também sugere que há um papel a desempenhar pela escola e, concretamente, pela disciplina de língua materna relativamente às estruturas de aquisição mais tardia, como, aliás, outros autores têm defendido (cf. Duarte, 2008).

No ensino, dados deste tipo podem, portanto, ser relevantes para a organização de um trabalho que respeite etapas de desenvolvimento linguístico, isto é, um trabalho que parta do conhecimento linguístico estabilizado – neste caso, das relativas de sujeito – para um conhecimento que se sabe ainda em estabilização após a entrada na escola – como parece ser o caso das relativas de objeto.

4. Conclusões

No estudo apresentado, verificou-se que a assimetria que caracteriza a aquisição de relativas sujeito e objeto em português europeu (e também em outras línguas) parece alargar-se a idades mais avançadas. Considerando os dados obtidos numa tarefa de leitura para identificação de antecedentes de pronome aplicada a alunos de diferentes anos de escolaridade do ensino básico, obteve-se não só evidência desta assimetria como se verificou a existência de um efeito de desenvolvimento linguístico na compreensão destas estruturas entre o 1.º e o 3.º ciclo.

Se, por um lado, se constatou que há dificuldades na identificação de antecedentes de pronomes relativos (em particular, do pronome objeto), por outro lado, foi também possível mostrar que há ganhos na estimulação da consciência linguística sobre as estruturas linguísticas que geram dificuldades (como, neste caso, o pronome objeto). Considera-se, portanto, que dados como os apresentados têm implicações relevantes na resposta a antigas questões de didática da língua por possibilitarem a identificação de estruturas de estabilização tardia e, conseqüentemente, por fornecerem pistas para a seleção das estruturas linguísticas mais relevantes para ensinar na escola, bem como a identificação de estratégias de ensino da língua que respeitem etapas de desenvolvimento linguístico.



Referências

- Antunes, José Diamantino & Ana Maria Brito (2008) Contribuição para a definição do perfil linguístico dos alunos do ensino básico: o caso das orações relativas. In F. Oliveira & I. M. Duarte (orgs.). *O fascínio da linguagem. Actas do colóquio de homenagem a Fernanda Irene Fonseca*. Porto: CLUP/FLUP.
- Batalha, Joana (2017) *Relações entre conhecimento explícito da língua e a competência de leitura. Compreensão de dependências referenciais no ensino básico*. Dissertação de doutoramento, Universidade NOVA de Lisboa.
- Batalha, Joana (no prelo) Avaliar conhecimento gramatical: análise de itens sobre compreensão de dependências referenciais. *Revista da Associação Portuguesa de Linguística*, 1.º número temático.
- Choupina, Celda (2004) *Orações Relativas: Aspectos Descritivos e Didáticos*. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Letras da Universidade do Porto.
- Costa, João (2011) Desenvolvimento da linguagem e ensino da língua materna. In Inês Duarte & Olívia Figueiredo (orgs.). *Português, Língua e Ensino*. Porto: Universidade do Porto.
- Costa, João, Assunção Cabral, Filomena Viegas & Ana Santiago (2011) *Conhecimento Explícito da Língua. Guião de Implementação do Programa*. Lisboa: DGIDC-ME.
- Costa, João, Maria Lobo & Carolina Silva (2011) Subject-object asymmetries in the acquisition of Portuguese relative clauses: Adults vs. children. *Lingua*, 121, pp. 1093-1100.
- Costa, João, Maria Lobo, Carolina Silva & Elisa Ferreira (2009) Produção e compreensão de orações relativas em Português Europeu: dados do desenvolvimento típico, de PEDL e do agramatismo. In *Textos Seleccionados, XXIV Encontro Nacional da APL*. Lisboa: APL, pp. 211-224.
- Duarte, Inês (2008) *O conhecimento da língua: Desenvolver a consciência linguística*. Lisboa: PNEP/DGIDC-ME.
- Fontes, Eunice (2008) *A produção de frases relativas restritivas no final do 1.º e 2.º ciclos do ensino básico*. Tese de Mestrado. Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- Valente, Pedro (2008) *Produção de frases relativas restritivas em alunos do terceiro ciclo do ensino básico e do ensino secundário*. Tese de Mestrado. Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- Vasconcelos, Manuela (1991) *Compreensão e produção de frases com orações relativas. Um estudo experimental com crianças dos três anos e meio aos oito anos e meio*. Tese de Mestrado. Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

